CAPÍTULO III

UMA FALSA ESPERANÇA

Lamarca aproxima-se do MR-8, intensifica as discussões e vai consolidando a idéia de mudar de organização. Mas sofria com tudo isso. Ia abandonar companheiros antigos, tomaria rumos diferentes de José Raimundo da Costa ("Moisés"), um ex-marinheiro de quem gostava muito; deixaria Lúcia Alverga e mesmo o irrequieto Alex Polari. Com este teve uma divergência em torno de posições sobre a propaganda armada. Alex escreveu um documento sobre o assunto e Lamarca replicou de modo agressivo, provocando reações de Herbert Eustáquio:

— Está a fim de acabar com a raça do sujeito?

Não, ele não queria acabar com Alex. Ao contrário, considerava-o um militante de futuro, que podia se tornar um importante quadro revolucionário Mas, infelizmente, estava entrando numa de garoto-prodígio e a única maneira de evitar isso era dar porrada, muita porrada. E deu, seguindo o seu raciocínio. Queria ganhar Alex para uma perspectiva menos heróica.

Agora, Lamarca não é mais apenas o ouvinte atento. Ele debate, luta, diverge e comanda. Em fevereiro de 1971, ainda no Comando, envia uma carta "Aos Companheiros da VPR no Chile".

"Este documento não visa saudar os companheiros mas informar e orientar para os trabalhos a serem executados. Mandamos um companheiro com instruções logo após a execução da ação, mas teve de regressar em virtude da demora das negociações — assim os companheiros ficaram sem orientação. Acreditamos que os companheiros tenham se movimentado de alguma forma e tenham encaminhado algo, que precisamos tomar conhecimento.

☆ ☆ ☆

A sensação de segurança dos que estão longe do palco de luta estimula o liberalismo da ideologia burguesa. Isto tem de ser combatido tenazmente porque é humilhante para um revolucionário professar a ideologia oposta, porque a CIA existe e porque a luta não está encerrada para os

companheiros. Em qualquer lugar a luta continua e a disciplina revolucionária é necessária, então, aí também. Nenhuma informação que não oficialmente autorizada deve ser passada — nada deve ser acrescentado se não houver necessidade. *Numa guerra revolucionária não há satisfação individual.*

Não sabemos quais são as dificuldades que os companheiros estão vivendo, devem estar precisando de dinheiro, mas não podemos apoiá-los daqui, devem ser criados instrumentos aí. Faremos daqui o que for preciso, sem prejuízo para a luta.

☆ ☆ ☆

Não conseguimos sair do nível de umas poucas ações conjuntas, mas este é o áspero caminho inicial, não há por que recuar à primeira dificuldade — o sectarismo só é comparável à reação. O sectário é pois um reacionário do movimento revolucionário.

☆ ☆ ☆

Com a ação o sectarismo aumentou pois, achando que o recuo político devia ser assumido integralmente, decidimos dar mais peso na libertação de companheiros cujas organizações foram extintas. Além disso, a utilização da autonomia não foi compreendida pelas três organizações, que tinham posição contrária. *O desfecho da ação também não foi compreendido*, não compreenderam que o governo cedendo em libertar 70 conseguiu condições políticas para evitar o instrumento, *enquanto para a massa perdíamos a condição de justiçar*. Daí acusações de que esvaziamos o instrumento — esta acusação possui dois desvios: *o vanguardismo da luta direta contra a ditadura* e a *negação do materialismo histórico*. Se para a esquerda estava justificado o justiçamento não o estava para as massas.

Em agosto sete companheiros da VPR apresentaram um pedido de desligamento, que não foi aceito para que antes fossem discutidas as questões que colocassem. Mas apresentaram um fato consumado, entrando para o MR-8 (. . .). Os companheiros que se desligaram diziam que a VPR não permitia discussões etc. Em seguida passou a circular na esquerda que a VPR estava fazendo expurgos, que teria havido um racha etc. — aquelas mesmas jogadas de sempre, . .

Ora, uma esquerda que não consegue ser leninista, onde nenhuma minoria se submete a uma maioria, não pode, realmente, se fortalecer — tende mesmo à desagregação.

☆ ☆ ☆